

TEXTO LIVRE

“Apenas” sexo? – Significações para as relações sexuais hoje

Túlio Cunha Rossi¹

RESUMO

Este pequeno ensaio condensa algumas reflexões e opiniões sobre discursos muito corriqueiros na significação das experiências sexuais, nos quais é comum usar a expressão "apenas sexo" para referir-se a encontros fora do contexto ou finalidade de relações monogâmicas duradouras. Discute-se as noções culturais e os aspectos emocionais envolvidos nos discursos sobre as relações sexuais, bem como os juízos de valores estabelecidos a respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Emoção. Sexo. Significação.

Como cientista social que elegeu as noções e discursos contemporâneos sobre o amor como tema de pesquisa, estive frequentemente diante de questões sobre as formas com que homens e mulheres significam relações afetivas e sexuais, expressam-se sobre elas e como constituem juízos de valor a respeito. Nesse sentido, notei uma expressão muito recorrente para designar relações sexuais de caráter episódico: “*apenas sexo*”. Afinal, o que significa isso, especialmente ao se considerar a hipótese repressiva apresentada por Foucault (FOUCAULT, 2009, pp.21-43) e toda importância, sob essa perspectiva, atribuída aos discursos sobre o sexo, no sentido de prescrever gostos e posturas como mais ou menos “adequados”? Este ensaio não propõe uma resposta, mas colocar questões sobre as formas qualitativas com que as relações sexuais são referidas no dia a dia. A partir de tais questionamentos, espera-se estimular reflexões a respeito do tema e suas relações mais complexas com a afetividade, a identidade pessoal e, inclusive, com papéis de gênero.

Percebi o uso da expressão principalmente entre mulheres de orientação heterossexual, geralmente designando o “apenas sexo”, a princípio, em oposição ao “sexo com compromisso”. Na maioria das vezes, estava explícita uma polarização na qual “apenas sexo” figura como censurável – às vezes repulsivo – enquanto que a relação sexual situada no contexto de um

¹Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo – USP.

relacionamento afetivo (pressupostamente) monogâmico de compromisso declarado entre os parceiros aparece como a forma mais legítima e desejada da experiência sexual. Evidentemente, o foco dessa polarização, mais do que no compromisso, reside em todo um conjunto de projeções valorativas de outros elementos esperados – mas não necessariamente encontrados – desse tipo de relacionamento. Pressupõe-se então, muitas vezes, que a experiência sexual dentro desse contexto é significativa como expressão profunda de si, como entrega, partilha de sentimentos e, dependendo da credulidade da pessoa envolvida, como revelação do destino, encontro de almas complementares e uma série de outras variáveis que, em conjunto, são frequentemente significadas como “amor”. Nesse sentido, as palavras de Simmel, ainda hoje, soam pertinentes:

...para a maioria das pessoas, o amor sexual abre as portas da personalidade total mais amplamente do que qualquer outra coisa. Para muitos, de fato, o amor é a única forma na qual eles podem entregar seu ego em sua totalidade, assim como para o artista a forma de sua arte oferece a única possibilidade de revelar toda sua vida interior (SIMMEL, 1964, p.325).

Assim, a polarização se revela muitas vezes como sendo entre “apenas sexo” e “sexo com amor”, tornando-se dramática: enquanto o último é (sobre)carregado de significação, o primeiro é tratado como carente desse caráter tão distintamente humano, reduzindo consideravelmente sua importância para seres ávidos por experiências significativas para definirem a si mesmos. No entanto, seria possível ação humana, consciente e voluntária – especialmente entre dois indivíduos – sem significação? O que é o “apenas sexo”, ao se levar a fundo a palavra “apenas”? Relação animalesca que alguns se apressariam em definir erroneamente como estritamente reprodutiva? Se aceitássemos essa última percepção, o que chamam de “apenas sexo” não seria também reconhecido por muitos dos que utilizam essa designação “pejorativa”, como principal propósito da união matrimonial? Ou, contrariamente, se “apenas sexo”, é entendido como o coito sem fins reprodutivos, significaria que toda relação que não atinge essa finalidade, independentemente da orientação sexual dos envolvidos, seria, portanto, menos válida ou completa?

Ao pensar a sociologia enquanto ciência que se ocupa em “compreender interpretativamente” as ações entre seres humanos enquanto por eles imbuídas de sentido (Cf. WEBER, 2000, p.3) e, considerando o aspecto de comunicação dos sentidos e expectativas envolvidos na interação, o simples pensar a prática sexual como *relação* pressupõe uma atribuição conjunta de sentido e reconhecimento. Em outras palavras, não há *relação* sexual sem atribuição de sentido, a qual envolve processos subjetivos, psicológicos e culturais, tornando a experiência sexual – episódica ou não – sempre em algo mais que “apenas sexo”, principalmente se “apenas

sexo” é entendido como o simples ato de cópula. Relações sexuais entre pessoas envolvem sempre projeções de sentido, emoções que são interpretadas, mais ou menos intensificadas conscientemente e uma série de outros processos que não se reduzem à relação corporal.

Bozon (2004) e outros autores já observaram complexas construções de sentido no tocante às relações sexuais, as quais se associam profundamente à auto-identidade e envolvem, mesmo no ato sexual pretensamente mais cru, uma “dramaturgia” (BOZON, 2004, p. 132), na qual indivíduos interpretam papéis, recorrendo a referências tanto de suas experiências particulares quanto do que viram em filmes, livros, revistas ou ouvirem em relatos de outros. Segundo o autor, apesar de várias conquistas no combate a desigualdades de gênero, os papéis e o reconhecimento atribuídos a homens e mulheres são diferenciados, sendo que persistem percepções como esta:

O valor das mulheres corresponde à parcimônia com que elas se entregam, o dos homens ao número de “objetos” conquistados: a oposição raridade/número transformou-se em uma estrutura psicológica profundamente interiorizada, conforme indica a divergência das respostas às perguntas sobre o número de parceiros sexuais. Por conseguinte, o duplo padrão de sexo, gerador de injunções contraditórias para os indivíduos, tanto homens quanto mulheres, não desapareceu. [...] Os homens continuam a ser considerados os principais agentes do ato sexual, e o desejo sexual feminino continua a ser amplamente ignorado, “como se o lugar [das mulheres] devesse permanecer limitado à afetividade (BOZON, 2004, p.95).

Isso dá alguma luz à questão, sobretudo do rechaço a relações sexuais episódicas que muitas mulheres ainda demonstram, sendo que sobrevive no imaginário compartilhado de muitos homens e mulheres a ideia de que se uma mulher se deita com um homem no primeiro encontro, pode criar uma imagem negativa, a qual, por sua vez, reduziria as possibilidades de estabelecer um vínculo afetivo ou uma relação de compromisso². Há uma construção cultural ainda presente que tende a distinguir severamente, especialmente para as mulheres, “afetividade” e “sexualidade”. Isso é mais complexo quando a satisfação sexual torna-se vista como elemento fundamental de uma relação afetiva saudável, mas permanece atrelada à suposta finalidade de uma relação monogâmica duradoura, muitas vezes tendo o laço matrimonial como signo ideal. Dessa maneira, outro perigo

²Essa percepção se manifesta ainda muito presente no senso comum, pelo que se pode perceber em vários artigos que tematizam a sexualidade – principalmente feminina – na internet. Sugere-se aqui apenas um: <http://discoverymulher.uol.com.br/relacionamentos/sexo/sexo-no-primeiro-encontro-sim-ou-nao/> (acessado em 02/07/2013), mas entendendo que essa questão é frequente e expressa, mais ou menos diretamente, crenças cristalizadas sobre expectativas e papéis sexuais atribuídos diferentemente a homens e mulheres.

que essa percepção das relações sexuais coloca é o pressuposto de que encontros sexuais que não visam à união monogâmica ou à sua manutenção sejam automaticamente desprovidos de afeto e, portanto, de valor emocional.

Por essas observações, somos conduzidos à ideia de que, enquanto atividade humana *entre indivíduos*, toda relação sexual é portadora de significados, aprendizados, emoções e anseios que tornam a expressão “apenas sexo”, no mínimo, descabida. Ainda mais num contexto em que os temas da sexualidade parecem se tornar cada vez mais debatidos e colocados em evidência, reforçando as observações de Foucault sobre a hipótese repressiva e a “necessidade” cada vez maior de *falar* de sexo, “confessar-se”; não só de problematizá-lo, mas “ensiná-lo” em suas formas consideradas mais ou menos “legítimas”. Jornais, revistas, livros, sítios eletrônicos, filmes e canções tratam o assunto constantemente e de formas diversas, num aparente esforço revisionista dos tabus e interditos das práticas sexuais, mas sem dar grande importância a um de seus elementos mais opressivos e persistentes: além dos condicionamentos morais ainda existentes e abertamente discutidos hoje sobre “como”, “quando” e “com quem” seria adequado ou não manter relações sexuais, pouco se fala sobre as “normas de sentimentos” envolvendo o ato sexual e definindo quais emoções “devem” ou não ser sentidas e expressadas. Conforme Thoits,

Normas emocionais indicam a extensão, a intensidade, a duração e/ou os propósitos de emoções específicas em dadas situações. Normas que, em geral, são indicadas por afirmações contendo termos como “deveria”, “precisa”, ou “tem direito a” em referência a sentimentos ou quadros de sentimentos (THOITS, 1991, p.181).

Essas normas estão presentes no ato sexual independentemente da intenção de continuidade da relação e contribuem, juntamente a toda trajetória de vida do indivíduo em seus mais diversos contextos de socialização e convivência, para constituir, mais do que “apenas sexo”, uma verdadeira interação. Interação essa que não está desprovida de expectativas, recalques e envolvimento emocional, especialmente com uma valorização crescente – difundida em diversas mídias – da intensificação e amplificação do prazer, podendo facilmente transformar a busca pela satisfação sexual espontânea numa obsessão por experiências grandiosas dignas dos melhores filmes que o cinema já produziu. Como diria Sigusch: “As *performances* substituíram o êxtase, o físico está por dentro, a metafísica por fora... A abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão todas igualmente distantes da livre vida de sensualidade que nenhum de nós conhece.” (SIGUSCH apud BAUMAN, p.64).

Seria tudo mais fácil, afinal, se pudesse ser “apenas” sexo...

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FOUCAULT, Michel *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

SIMMEL, Georg. Types of Social Relationships by Degrees of Reciprocal Knowledge of Their Participants. In WOLFF (org), *The sociology of Georg Simmel*. Glencoe: Free Press, 1964.

THOITS, Peggy. Emotional Deviance In KEMPER, T. D. (org) *Research Agendas in the Sociology of Emotions*. Albany: State University of New York Press. 1991.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, v.I. Brasília: UNB, 2000.